

## **A terra, o homem e a luta em A vida verdadeira de Domingos Xavier, de Luandino Vieira**

***Isabelita Maria Crosariol***

*Doutoranda em Estudos da Literatura - PUC-RIO*

*isabelitacrosariol@yahoo.com.br*

**RESUMO:** O ensaio objetiva verificar a relação entre o homem e a terra angolana no contexto de luta pela libertação de Angola, partindo da análise da novela de Luandino Vieira intitulada *A vida verdadeira de Domingos Xavier*. Acredita-se que essa relação apresenta-se na obra do escritor angolano de um modo diverso do observado tanto nas primeiras obras da Literatura Angolana (nas quais ainda predominava uma visão exótica da terra), como nos romances da literatura colonial (em que a terra ora era descrita como espaço a ser conquistado, ora como lugar da morte). Em *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, a geografia de Angola funde-se à vida do homem, e a luta se torna uma só: a luta pela liberdade, pela construção de uma nação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Terra; Nação; Luandino Vieira.

Sem dúvida, é Luandino Vieira que mais tem contribuído para a preeminência literária da cidade de Luanda. Na sua obra, Luanda torna-se quase uma personagem, e o escritor tem personificado a cidade no seu nome, o qual é mais do que uma alcunha; Luandino é *nom de plume*, *nom de guerre* e uma designação com que o homem se identifica com o seu meio.

Russell G. Hamilton

Margarida Calafate Ribeiro, ao analisar o modo como certos romances coloniais da década de 1930 ajudaram a disseminar a imagem de Angola como espelho de Portugal, enquanto obras publicadas na década posterior contribuíram para a desmistificação da imagem de Angola propagada pelo Estado Novo, destaca o fato de que, se em romances tais como *O velo d'oiro* (1933), de Henrique Galvão, a África era descrita como uma terra “fascinante e exótica, plena de oportunidades” (2004, p. 138), em obras como *Natureza Morta*, de José-Augusto França, e *Terra Morta*, de Castro Soromenho (ambas de 1949), por sua vez, verifica-se uma perspectiva em que o negro é percebido como homem (e não mais como parte do cenário), e a terra angolana como “um espaço de mistura de negros, mulatos e brancos cheio de tensões, violência, pobreza e abandono” (2004, p. 143). Contudo, apesar de nesses dois romances se observar uma tentativa de penetração íntima no “mundo cultural do outro” (2004, p. 142), não se verifica ainda a presença de um sentimento que deixe entrever uma simbiose entre o homem e a terra angolana, o que não surpreende se se levar em conta que tal atitude não é própria da chamada literatura colonial.

Como assinala Leonel Cosme, na história das letras angolanas, “a natureza [...] permaneceu constante em todos os autores, sem exceção, não havendo um só que tenha prescindido da sua força estimulante ou inspiradora” (1978, p. 15). De fato, já em *Esportaneidades de minha alma*, livro de poemas de José da Silva Maia Ferreira publicado em 1849, e considerado pela maioria dos críticos como obra inaugural da literatura angolana, é a natureza angolana que inspira o poeta a escrever seus versos:

De leite o mar - lá desponta  
Entre as vagas sussurrando  
A terra em que cismando  
Vejo ao longe branquejar!  
É baça e proeminente,  
Tem da África o sol ardente,  
Que sobre a areia fervente  
Vem-me a mente acalentar.

Debaixo do fogo intenso,  
Onde só brilha formosa,  
Sinto na alma fervorosa  
O desejo de a abraçar:  
É minha terra querida,  
Toda da alma, - toda-vida,  
Que entre gozos foi fruída  
Sem temores, nem pesar. (FERREIRA, 2002, p. 118)

No entanto, a exemplo do que ocorre na lírica de Eduardo Neves, a força da natureza angolana é representada, nos poemas de Maia Ferreira – é o caso do fragmento do poema “À minha terra” acima transcrito, redigido pelo escritor ao retornar a Angola de uma viagem –, “simplesmente por uma ocasional atração pelo exotismo da terra, como de quem vai de férias à Holanda e se inspira nos moinhos de vento ou à Itália e faz um poema sobre Capri” (COSME, 1978, p. 17).

Trata-se, sem dúvida, de uma perspectiva bastante diferente da adotada pelos jovens da Casa dos Estudantes do Império que, reunindo-se, em 1948, em torno do movimento “Vamos descobrir Angola”, buscaram aprofundar seus conhecimentos sobre a terra angolana, e transformá-los em poesia. Neste novo momento, a realidade angolana não é mais apreendida exoticamente, visto que, ao longo desse processo, “enraizado na terra angolana, com marcas essenciais entre as ruas de Luanda, o projeto de construir mais que uma literatura, uma nação se vai impondo e desenhando fundos sulcos no interior dividido do chão colonial” (CHAVES, 1999, p. 44).

Convém aqui ressaltar que, ao contrário do que ocorreu no caso brasileiro, o estado angolano foi fundado em um espaço de diversidade étnica e linguística, onde os diferentes grupos étnicos nem sempre possuíam uma relação pacífica entre si. Assim, por meio da literatura, buscou-se construir “uma nação onde existia um punhado de povos, enredados no jogo das diferenças de suas tradições culturais. [...] Ao fim e ao cabo, o jogo era um só: bloquear o ato colonial para construir a nação” (CHAVES, 1999, p. 31-2).

No caso angolano, a “forma nação”<sup>1</sup> revela-se, portanto, nitidamente como uma criação, como resultado de uma produção ficcional. Afinal, como lembra o filósofo Étienne Balibar:

Nenhuma nação possui uma base étnica natural mas, do mesmo modo como as formações sociais são nacionalizadas, as populações incluídas nelas, ou dominadas por elas são “eticizadas”, isto é, representadas no passado e no futuro como se elas formassem uma comunidade natural, dispondo por si próprias de uma entidade de origens, de cultura e de interesses que transcendem os indivíduos e as condições sociais. (1991, p. 5)

Isto significa que, na literatura angolana empenhada no projeto de construir uma nação, às etnias reais, suplantou-se então uma etnicidade fictícia, conceito que, ainda nas palavras de Balibar, possibilita a constituição do povo

[...] como uma unidade ficticiamente étnica sobre o pano de fundo de uma representação universalista que atribui para cada indivíduo uma e somente uma identidade étnica. Distribuindo então o todo da humanidade entre diferentes grupos étnicos que potencialmente correspondem a muitas nações, a ideologia nacional faz muito mais do que justificar as estratégias empregadas pelo Estado para controlar as populações. Ela inscreve as demandas destas primeiramente em um sentimento de “pertencimento”, no duplo sentido do termo: aquele que faz com que alguém pertença a si mesmo e também o que faz com que alguém pertença a outro semelhante. É isto que leva a que alguém possa ser interpelado, como um indivíduo, *em nome da* coletividade cujo nome precisamente alguém porta. A naturalização do pertencimento e a sublimação da nação ideal são dois aspectos do mesmo processo. (1991, p. 5)

É em função disto que em narrativas tais como *A vida verdadeira de Domingos Xavier* – escrita por Luandino Vieira em 1961, e publicada apenas em 1974 (momento em que os primeiros ares de liberdade começaram a aparecer em Angola, possibilitando, assim, a publicação de obras censuradas pelo Estado Novo) – não há nenhuma referência à origem étnica das personagens. É como se todas as personagens portadoras de um sentimento de angolanidade tivessem uma identidade comum, o que as possibilitaria lutar coletivamente contra o colonialismo, independentemente da cor de sua pele ou de sua origem.

---

<sup>1</sup> Termo empregado por Etienne Balibar em ensaio intitulado “A forma nação: história e ideologia”, traduzido por Jesiel de Oliveira Filho a partir do original “The form nation: history and ideology”.

Nesse ponto, verifica-se a incorporação por Luandino de algumas idéias sustentadas pelo MPLA, movimento independentista do qual o escritor fez parte, o que, aos olhos da PIDE, transformava-o em uma ameaça, justificando-se sua prisão entre os anos de 1961 e 1974. Diferentemente dos outros dois movimentos pró-independência (FNLA e UNITA), o MPLA, sendo um movimento de orientação marxista formado por brancos, negros e mulatos, sustentava a idéia de que a formação de uma nação deveria se sobrepôr à qualquer preocupação acerca de raças ou etnias. No fundo, era uma tentativa (também) de demonstrar “que a exploração não tinha cor e que o inimigo não era o branco em si, mas o que estava atrás dele” (COSME, 1978, p. 48).

Em *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, é o engenheiro Silvestre que encarna a figura do branco que, assim como muitos negros nascidos em Angola, sente uma profunda ligação com a terra – ligação esta também sentida por Luandino, fato que implicou a mudança de seu nome de José Mateus Vieira da Graça para José Luandino Vieira. Na narrativa, fica nítida essa afirmação no instante em que, ao travar diálogo com o protagonista, Silvestre lhe diz: “Domingos, você é um bom tractorista. Mas o que você é mais é um bom homem, um bom angolano” (VIEIRA, 1974, p. 27), e, a seguir, acrescenta baixinho “sabe, Domingos, também sou angolano” (VIEIRA, 1974, p. 27).

Português de nascimento, ainda pequeno José Mateus Vieira da Graça foi levado para Angola, como esclarece o escritor em entrevista concedida a Michel Laban em 1977:

Nasci em Portugal, num lugar chamado Lagoa do Furadouro. Em muitos poucos documentos este nome aparece. Aparece quase sempre a vila mais próxima, que é Ourém, que é no Alto Ribatejo, na serra. Meus pais vieram como colonos para cá, Eu vim com um ano, um ano e pouco. Tudo isso eu sei porque me contaram. [...] Não é por esse facto que compreendo, por exemplo... ou distingui sempre, na actividade política, o que era a luta do povo português e o que era parte da responsabilidade do regime ou do governo, e também não é isso que me faz ter qualquer tipo de preconceito, qualquer sentimento de inferioridade ou de superioridade ou de consciência de culpa, como sei que existe em muitas pessoas. Por esse facto, sendo angolano, considero perfeitamente essa idéia e o que conta para mim foi realmente, é, realmente, a vivência da infância. Foi uma vivência, primeiro como todas as vivências da infância, por acaso foi muito profunda porque, nessa altura, nós vivemos mais totalmente. Depois porque foi feita em condições de convivência no musseque, musseque da cidade de 1938, 37, 39, 40, 41. (LABAN, 1980, p. 12-3)

A vivência nos musseques durante a infância e a adolescência posteriormente ajudaria Luandino Vieira a compor o cenário em que se passam as ações de *A vida verdadeira de Domingos Xavier*. A ela, somar-se-ia também a sua experiência de trabalho em Cambambe, município da província do Kuanza Norte onde o escritor trabalhou na construção de uma barragem, pouco antes de ser preso, assim como ocorreu na trajetória do tratorista Domingos Xavier. São, portanto, dois mundos intimamente conhecidos por Luandino (o dos musseques de Luanda e o dos grupos que viviam em Cambambe) que ganham destaque já no início da narrativa, evidenciando que, em ambos os lugares, há uma luta coletiva.

Neste processo, importa então notar que a obra, ao partir do propósito de narrar uma “vida verdadeira”, funde realidade e ficção, como confirma o escritor na mesma entrevista: “Trabalhei na barragem de Cambambe dois anos. Gosto de dizer sempre isso porque *A vida verdadeira de Domingos Xavier* passa-se em Cambambe e, em grande parte, o que se lá conta passou-se e, salvo os nomes, que estão alterados, as pessoas existiram” (LABAN, 1980, p. 16).

Valdemir Zamporoni, em ensaio intitulado “Ficção e história em *A vida verdadeira de Domingos Xavier*”, parte da análise dessa mesma problemática e, ao se deter especificamente ao nome de algumas das personagens que compõem a narrativa (evidenciando, assim, que nem todos os nomes foram trocados pelo autor), expõe que:

Bernardo de Souza, o Souzinha, é um importante poeta contemporâneo em língua Kimbundo; Mussunda, cantado em versos por Agostinho Neto; Aniceto Vieira Dias, o Liceu, assim como o seu Ngola Ritmos eram seres reais cuja existência transplantada para as páginas da obra, neste contexto de resistência, faz interpenetrar a obra ficcional e a realidade. Ainda que a obra não seja autobiográfica, a semelhança entre as situações vivenciadas pessoalmente pelo autor e aquelas que integram a ficção, o empréstimo e a incorporação do toponímico *Luanda* à sua identidade literária, bem como o próprio título da obra, têm como preocupação dar veracidade à ficção, tal como o fazem os velhos contadores de estórias na tradição da oralidade africana. (ZAMPARONI, 1980, p. 162)

Se, nas palavras de Leonel Cosme, “a verdade é efectivamente revolucionária” (1978, p. 5), ao evidenciar o desejo de narrar uma “vida verdadeira”, Luandino Vieira mostra que por meio da literatura é possível fazer uma revolução. Revolução com palavras. Palavras como armas. Todavia, neste processo,

[...] para ser verdadeira, tal qual a vida do herói sagrado em suas páginas, a narrativa precisa incorporar traços riscados na direção da aliança com as coisas da terra, eixo sobre o qual se assentaria a concepção de nação que se quer atualizar. Entre a terra e os homens deve, pois, persistir o vigor de uma identidade apta a servir de energia no processo de mudança. (CHAVES, 1999, p. 164).

É em resposta a essa necessidade que o Kuanza será mostrado na narrativa como elemento que representa “a crença na unidade a ser buscada. Principal rio de Angola, ele percorrerá o caminho textual como emblema de uma integração efetivamente necessária para impulsionar a mudança pretendida” (CHAVES, 1999, p. 164). É a sua imagem que vem à mente do protagonista quando, já preso, ele lembra que o “largo Kuanza que lhe viu nascer, lá em cima, no planalto, ainda fio de água, ainda criança ruidosa” (VIEIRA, 1974, p. 31) era o mesmo que “conheceu depois, largo e calmo na direção do mar” (VIEIRA, 1974, p. 31); o rio que tanto servia para as mulheres lavarem a roupa, como também garantia seu trabalho como tratorista; o rio que testemunhou a sua prisão pelos cipaio – e a conseqüente separação de sua família (a companheira Maria e o miúdo Sebastião) –, e que esteve presente em seus pensamentos pouco antes de sua morte:

Lá fora tinha estrelas sobre a paisagem quente, um vento fresco corria por cima da noite e trazia a mensagem da vida para dentro dos muros. Domingos Xavier não ia trair essa vida. Pensou ainda, se sentindo muito longe, boiando nas águas verdes do rio que lhe vira nascer e que corria levando-lhe no mar. As pernas boiavam partidas, os braços caíam livremente e a água corria dos seus olhos, rio abaixo. E já nem se sentia afundar em cima dos outros corpos adormecidos, depois de o cipaio ter lhe arrastado pelo quintal fora, deixando um rastro de sangue que, no dia seguinte, outro cipaio ia apagar antes que o primeiro preso saísse no recreio. (VIEIRA, 1974, p. 102)

Um homem. Um rio. Um mesmo curso. Conforme se pode perceber no fragmento acima transcrito, após uma longa jornada de resistência às atrocidades provenientes do colonialismo, o corpo de Domingos Xavier passa a ser percebido como elemento que, ao mesmo tempo em que integra a natureza que o circunda, a ela se incorpora. Assim, por meio de uma relação simbiótica, homem e terra se unem: ele a protege e a defende; ela lhe oferece meios para sobreviver.

A morte então, neste processo, resulta da ação de um agente externo a essa relação. Contudo, como anuncia Mussunda – o amigo que traz em si a alegria, a

consciência e a “força/ que transforma os destinos dos homens” (1976, p. 18), tal como cantado nos versos de Agostinho Neto –, em vez de ser lamentada, ela deve ser celebrada:

Irmãos angolanos. Um irmão veio dizer mataram um nosso camarada. Se chamava Domingos Xavier e era tractorista. Nunca fez mal a ninguém, só queria o bem do seu povo e da sua terra. Fiz parar esta farra só para dizer isto, não é para acabar, porque a nossa alegria é grande: nosso irmão se portou como homem, não falou os assuntos do seu povo, não se vendeu. Não vamos chorar mais a sua morte porque, Domingos António Xavier, você começa hoje a sua vida de verdade no coração do povo angolano. (VIEIRA, 1974, p. 128)

Desse modo, o homem que lutou pela sua terra, defendeu-a, e zelou pelo seu povo revela-se, na novela de Luandino, como um exemplo a ser seguido por aqueles que continuarão na luta. Afinal, para aqueles que desejavam a independência, lutar naquele momento era algo imprescindível. Significava um destino, a realização dos desejos do povo, o estabelecimento de “uma ponte entre a descrença/ e a certeza do mundo novo” (NETO, 1976, p. 49).



## REFERÊNCIAS:

BALIBAR, Étienne. “A forma nação: história e ideologia” in *Race, nation, class: ambiguous identities*. London & New York: Verso, 1991.

CHAVES, Rita. *A Formação do Romance Angolano*. São Paulo: Bartira, 1999.

COSME, Leonel. *Cultura e revolução em Angola*. Porto: Edições Afrontamento, 1978.

FERREIRA, José da Silva Maia. *Espontaneidades de minha alma*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002.

HAMILTON, Russel G. *Literatura Africana, Literatura Necessária I*. Lisboa: Edições 70, 1981.

LABAN, Michel. “Encontros com Luandino Vieira, em Luanda” in *Luandino: José Luandino Vieira e a sua obra (estudos, testemunhos, entrevistas)*. Lisboa: Edições 70, 1980.

NETO, Agostinho. *Poemas de Angola*. Rio de Janeiro: Codecri, 1976.

RIBEIRO, Margarida Calafate. *Uma história de regressos: Império, guerra colonial e pós-colonialismo*. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

VIEIRA, José Luandino. *A vida verdadeira de Domingos Xavier*. Lisboa: Edições 70, 1974.

ZAMPARONI, Valdemir. “Ficção e História em *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*” in *Polifonia*. Cuiabá, UFMT, v. 1, 1993, p. 160-180. Disponível em <<http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/171.pdf>>. Acesso em 02 mai. 2009.